
 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, p. 1-10, jan.-dez. 2021 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.41185</p>	

SEÇÃO: ENTREVISTA

O que não é um meio? Estudos de mídia como antropologia filosófica

What is not a medium? Media studies as philosophical anthropology

¿Qué no es un medio? Estudios de medios como antropología filosófica

John Durham Peters¹

orcid.org/0000-0002-4474-1543

john.peters@yale.edu

Otávio Daros²

orcid.org/0000-0003-0738-8207

otavio.daros@acad.pucrs.br

Recebido em: 23 jun. 2021.

Aprovado em: 30 jun. 2021.

Publicado em: 09 set. 2021.

Resumo: Entrevista com o pensador norte-americano John Durham Peters, apresentando sua contribuição teórica para os estudos de mídia e comunicação.

Palavras-chave: História intelectual. Teoria da comunicação. Teoria da mídia.

Abstract: Interview with North American thinker John Durham Peters, presenting his theoretical contribution to media and communication studies.

Keywords: Intellectual history. Communication theory. Media theory.

Resumen: Entrevista al pensador norteamericano John Durham Peters, presentando su contribución teórica a los estudios de medios y comunicación.

Palabras clave: Historia intelectual. Teoría de la comunicación. Teoría de los medios.

Teórico da comunicação e historiador da mídia, John Durham Peters (1958^{*} — Imagem 1) doutorou-se na Stanford University em 1986, época em que se tornou professor da University of Iowa e recebeu notoriedade por sua crítica às fragilidades filosóficas existentes no campo de estudos da comunicação. Seu primeiro livro, *Speaking into the air: a history of the idea of communication* (1999), abriu ampla discussão teórica para a multiplicidade de significados atribuídos à ideia de comunicação ao longo da história. Ao mesmo tempo, problematizou a busca pelo perfeccionismo no diálogo e a crença em novas e velhas tecnologias de comunicação, sempre que as desconectamos do problema da natureza humana.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Yale University, New Haven, CT, Estados Unidos.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Imagem 1 – Conferência na Leuphana Universität Lüneburg, Alemanha, em 2016



Fonte: Centre for Digital Cultures.

Entre as obras mais recentes, destaca-se *The marvelous clouds: toward a philosophy of elemental media* (2015), na qual o teórico norte-americano elabora reflexão ontológica sobre a mídia, sobrepondo-a à concepção herdada pela tradição de pesquisa em comunicação de massa, isto é, à sua visão como conjunto de formas institucionalizadas de produção e transmissão de mensagens para as audiências. Além de explicar sua teoria da mídia, Peters — que leciona no Yale Film and Media Studies Program desde 2017 — compartilha seu ponto de vista sobre o papel do professor-pesquisador diante do cenário universitário atual.

Você poderia começar nos contando sobre sua formação acadêmica, quem foram seus mestres e como se tornou professor?

Tive a sorte de conviver com muitos professores ao longo da minha vida, começando por meus pais, cada um com suas próprias qualidades. Meu pai era professor de medicina. Meu avô materno era professor de ciência política. O pai da minha avó materna era professor de bioquímica. E meu

filho mais velho também é professor. Portanto, a carreira acadêmica foi, para mim, uma escolha sem empecilho. É interessante observar que muitos de meus alunos de pós-graduação em Iowa e, agora, em Yale são filhos de professores.

Só para contar um pouco de história, quando me graduei na University of Utah, em 1981, comecei a procurar qualquer emprego, ainda sem a ideia de trabalhar como pesquisador. Consegui um trabalho temporário, carregando caminhões, e me sai bem, mas fiz as contas e logo percebi que dormiria melhor, evitaria dores nas costas e ganharia mais dinheiro por hora como assistente de ensino, então, rapidamente aceitei a primeira oferta de emprego que encontrei na University of Utah e segui para a pós-graduação.

Meus mestres foram tão importantes que dediquei *Speaking into the air* (1999) a eles. O primeiro dos quatro é Harold L. "Hal" Miller, que recentemente se aposentou como professor de psicologia na Brigham Young University. O segundo é Leonard C. Hawes, professor aposentado de comunicação pela University of Utah, que orientou minha dissertação de mestrado, chamada *The sacred and sociality*, em 1982 — um estudo

filosófico bastante ambicioso e abrangente. O terceiro é Donald F. Roberts, professor emérito de comunicação na Stanford, que orientou minha tese doutoral, intitulada *Reconstructing mass communication theory*, que buscava situar a pesquisa norte-americana em comunicação de massa em uma trajetória intelectual mais longa. E Samuel L. Becker, professor emérito de estudos de comunicação na University of Iowa, falecido em 2012. Sam presidiu o comitê que me contratou em Iowa, no qual trabalhei por 30 anos, até minha transferência para a Yale.

***Speaking into the air* (1999) consiste em uma investigação histórico-filosófica sobre a ideia de comunicação e sua problemática conceitual. O desenvolvimento da nova mídia social, visto nas últimas duas décadas, trouxe algum problema inédito a essa reflexão?**

Um dos meus principais argumentos é mostrar que os chamados novos meios de comunicação muitas vezes trazem consigo os mesmos problemas dos meios mais antigos. Pensar que tudo é sem "precedentes", um termo que tem sido usado em grau nauseante durante a pandemia, é, em parte, sucumbir ao exagero do Vale do Silício. O pessoal de tecnologia da informação quer que pensemos que essas águas são desconhecidas porque não querem que pensemos nas condições materiais em que produzem seus produtos. Na verdade, há milênios a humanidade lida com a maioria dos grandes problemas que se manifesta na mídia social: mentira e propaganda; a circulação de rumores; a dominação de muitos por alguns; o uso dos meios de produção para exercer influência sobre si mesmo; sociedade e natureza; danos sociais e ecológicos.

É possível que as óbvias consequências antisociais da nova mídia social tenham contribuído para a destruição parcial do sonho da comunicação: eu não ouço tantas pessoas falando como se pensassem que os outros são realmente seres de coração e mente. Talvez esse sonho da comunicação tenha sido um desdobramento dos anos 1950 e 1960.

O que você chama de "sonho da comunicação", na verdade, me parece uma crítica ao entendimento de que as dificuldades da humanidade poderiam ser resolvidas com o aprimoramento de determinados meios e técnicas de comunicação. Ainda, que a questão central da humanidade é comunicacional, alimentar esse "sonho" não seria uma estratégia encontrada pelos "comunicólogos" para justificar a existência de um campo acadêmico?

Sim, eu me oponho a transformar em patologia a situação humana. Fomos projetados por Deus ou pela natureza para sermos mutuamente misteriosos. Não devemos lamentar esse fato ou buscar meios tecnológicos sofisticados para superar nosso mistério mútuo. Nada seria mais terrível! A alteridade das outras pessoas é um fato abençoado. Não tenho certeza, no entanto, se os estudiosos têm interesse em manter esse sonho vivo. Certamente, a discussão sobre comunicação está viva, mas com mais frequência entre *coaches*, terapeutas e consultores do que entre acadêmicos. É uma característica dos campos, que seus termos centrais não são definidos com precisão. Nenhum psicólogo que eu conheça está realmente interessado na alma. Nem todos os filósofos estão interessados na sabedoria. Os nomes dos campos são marcadores abertos ou de posição, não pontos intelectuais férteis (ver PETERS, 2012).

Afirma-se, em *Institutional sources of intellectual poverty in communication research* (1986), um de seus primeiros e mais provocativos ensaios, que "a 'comunicação' passou a ser administrativamente, não conceitualmente, definida". De que modo isso teria interferido no estabelecimento do campo de estudos?

Você está me pedindo para revisitar um ensaio de 35 anos atrás! Após 20 anos, publiquei um ensaio revisitando-o, argumentando que o conceito de comunicação surgiu em meio a uma enorme expansão interdisciplinar na década de 1950, incluindo sociologia, cibernética, psiquiatria e estudos protoculturais (ver PETERS, 2008). Quando escrevi

o ensaio, estava desiludido com as possibilidades intelectuais do campo, mas, obviamente, as coisas ficaram muito mais diversas e interessantes.

Meu coração, hoje, está mais voltado aos estudos de mídia do que aos de comunicação — embora ambos os termos sejam absurdamente camaleônicos. Ainda assim, continuo bastante desinteressado em questões de campo. Acho que perguntar sobre o campo geralmente é um esforço equivocado. A vida é curta. Só se pode encontrar e trabalhar com um número limitado de pessoas e ler tantas palavras. Estou interessado em ricas trocas e ocasiões para a descoberta da verdade, sem o impedimento de nosso passaporte disciplinar. É um tipo estranho de nacionalismo querer falar apenas com pessoas do mesmo campo.

Como historiador da mídia, você tem dado especial atenção a alguns meios de comunicação, como o rádio. Que aspectos sociais e históricos você sublinharia desse meio?

Parte do meu fascínio pelo rádio vem do fato de ele ter ultrapassado os limites de espaço, tempo e audibilidade, que antes pareciam naturais. É verdade, no entanto, que os primeiros desenvolvedores consideraram a qualidade onipresente do sinal de rádio um defeito, vendo apenas o diálogo como uma forma legítima de comunicação. Como o fonógrafo, a tecnologia de rádio foi concebida, inicialmente, como um meio de comunicação ponto a ponto. Guglielmo Marconi foi característico de sua geração ao pensar na nova tecnologia, como um telégrafo sem fio. Mas o telégrafo tinha um único terminal, as ondas de rádio não.

Não é surpreendente, portanto, que sua capacidade de espiritualizar a inteligência através do espaço suscitasse comparações imediatas com telepatia, sessões espíritas e visitas angelicais. Em qualquer ponto da superfície da Terra, desde o século XX, fluxos silenciosos de vozes radiofônicas, efeitos sonoros e sinais de socorro preenchem todos os cantos do espaço. A capacidade do som de ser ouvido depende de seu constante desaparecimento, abrindo espaço para o que vem a seguir. Essa característica do som inspirou vários pensadores, que compreendem a

acústica como um domínio especial de questões existenciais, talvez mais notavelmente o teórico da mídia Friedrich Kittler, que, como músico amador e faz-tudo, no que diz respeito a hardware de áudio e computador, viu as mídias sonoras — o rádio ocupando um lugar de destaque entre elas — como as coisas mais filosoficamente ricas e esteticamente belas que os seres humanos já criaram (ver KITTLER, [1986] 2019).

Se voltarmos ao pensamento social sobre o rádio no período entreguerras, fala-se fundamentalmente da perda do corpo individual e da expansão do corpo político. A radiodifusão levantou questões sobre a comunicação sem presença e o tamanho gigantesco da audiência do rádio como uma nova coletividade. À medida que se desenvolveu, no entanto, o termo adquiriu um duplo sentido. Em seu uso genérico, refere-se à transmissão pelo ar, mas "radiodifusão", como um termo legal, refere-se não às diversas práticas das ondas do ar, mas a uma configuração idealizada entre falantes e audiências; evoca visões da ágora, da reunião da cidade ou da "esfera pública".

Porém, com o enfraquecimento da ambição da radiodifusão, embutida em programações diárias e semanais, os "co-ouvintes" imaginários do rádio estão desaparecendo. Quando se ouve música no *YouTube*, não se tem a sensação de comunhão simultânea com outras pessoas, em tempo real. Podemos ler os comentários na plataforma, mas eles estão espalhados no tempo. Ao fim, continuo convencido de que a música soa melhor quando ouvida no rádio, do que em serviços individualizados, simplesmente porque temos a sensação de que tem a qualidade durável de algo público, em vez de um fantasma privado. Ao mesmo tempo, o rádio já passou por tantas mudanças, então, não devemos esperar a sua obsolescência, mas, sim, a descoberta de novas funções secundárias, restritas, sacralizadas.

Em *The marvelous clouds: toward a philosophy of elemental media* (2015), você busca expandir a compreensão de mídia para além da imprensa, da internet etc. Trata-se de um convite para pensar a mídia de forma ontológica. Por que devemos aceitá-lo?

No campo dos estudos de mídia, a mídia normalmente é definida como um agrupamento de instituições, bens culturais e audiências, mas há uma tradição minoritária, na qual me incluo, que vê as mídias como muitos outros elementos. Alguns de meus críticos dizem que essa visão é muito ampla, mas acredito que, graças às transformações digitais, as mídias são tão ambientalmente abrangentes, que precisamos de uma definição abrangente para corresponder. Ao mesmo tempo, por outro lado, uma das estratégias que adoto no meu livro é tentar encontrar coisas que as pessoas dizem ser novas sobre as mídias digitais e mostrar como não são. O mundo dos dados em que vivemos os reconfigura de algumas maneiras que podem ser novas, mas é muito difícil descobrir quais são precisamente novas. A teoria da mídia, na melhor das hipóteses, é um meio de buscar maior consciência das condições básicas em que vivemos.

A ideia de que as mídias são instituições portadoras de mensagem, como jornais, rádio, televisão e internet, é relativamente recente na história intelectual. Meu argumento é de que as mídias são ambientes de possibilidades, que ancoram nossa existência e tornam possível o que estamos fazendo. Mas essa ideia de que as mídias são ambientes pode ser invertida: ambientes também são mídias. Se os meios são veículos que carregam e comunicam significados — e não apenas dispositivos de informação —, então, a teoria da mídia precisa levar a sério a natureza, o pano de fundo para todo significado possível. Os dispositivos digitais nos convidam a pensar as mídias como ambientais, como parte do habitat, e não apenas a sociedade: elas são, também, agências de ordem e partes constitutivas dos sistemas ecológicos e econômicos.

Tento partir da ideia de que o advento das mídias digitais nos remete a problemas fundamentais e perenes de comunicação e civilização. As chamadas novas mídias não nos levam a águas desconhecidas, mas revivem os problemas mais básicos da vida conjunta em sociedades complexas e destacam os problemas mais antigos. As mídias digitais revivem funções navegacio-

nais antigas: nos situam no tempo e no espaço, indexam nossos dados e nos mantêm em rede. Elas servem mais como dispositivos logísticos de rastreamento e orientação do que para fornecer histórias unificadoras para a sociedade em geral. As mídias talvez sejam mais interessantes quando revelam o que desafia a materialização.

O conceito de mídia estava conectado à natureza, muito antes de estar conectado à tecnologia — o que é um termo muito problemático, porque, assim que começamos a usar “tecnologia”, pressupomos que algo é inovador. Em contraste, “meio” sempre significou um elemento, ambiente ou veículo entre as coisas. Assim, meios são mais do que as instituições audiovisuais e impressas que se esforçam para preencher nossos momentos vazios com estímulos de programação e publicidade; eles são nossa condição, nosso destino e nosso desafio. Sem meios, não há vida. Não estamos apenas cercados pelos artefatos ricos em história da inteligência aplicada; nós também somos esses artefatos. Nessa visão, os estudos de mídia são, portanto, uma forma de antropologia filosófica, uma meditação sobre a condição humana, o que também significa uma meditação sobre a condição não humana.

Após o deslumbre reflexivo proporcionado pelo livro, vieram-me à cabeça tantas questões; provavelmente a primeira delas foi: o que não é mídia?

O conceito de mídia já nasceu expansivo. Marshall McLuhan, em *Understanding media* (1964), abriu o caminho, começando com a lâmpada: algo que não tem conteúdo, mas possibilita muito mais. Para escolhas óbvias na década de 1960, como quadrinhos, tipografia, telefone, rádio, televisão e filmes, ele acrescentou números, dinheiro, estradas, relógios e roupas. Outros pensadores, desde então, acrescentaram muitos mais. A vitalidade dos estudos de mídia reside, talvez, menos em qualquer inovação teórica isolada do que em sua capacidade de explodir qualquer conjunto de objetos. Essa explosão tem uma história profunda. Durante a maior parte de sua história, o termo *medium* se referia a ele-

mentos naturais — embora elusivos —, em vez de artificiais (luz, magnetismo, calor, espírito etc.).

Em meu livro, tentei resgatar esse legado, explorando os ambientes como mídia. Definir a mídia como posicional não significa que devemos voltar a uma divisão sujeito-objeto que atribui significado apenas ao sujeito. Não é que os agricultores ou marinheiros projetem, intencionalmente, significado às nuvens: eles leem o significado que nelas está. Da mesma forma, o mar é um meio diferente para espécies diferentes. Para um golfinho, o mar profundo é um ambiente natural; para um ser humano, é apenas um ambiente tecnicamente mediado. O mar é um lugar que mostra que os humanos não podem separar natureza e cultura.

Medium é um conceito aristotélico, mas, também, uma palavra latina. Isso nos diz algo sobre suas origens. O surgimento do conceito pode ser identificado com bastante precisão na leitura que Tomás de Aquino faz de *Da Alma (De Anima)*, de Aristóteles. Não há nenhuma palavra no texto grego para o que fica entre o olho e o objeto, o ouvido e o som, embora Aristóteles tenha dado muitas razões para pensar dessa forma, empregando outros termos. A questão é que Tomás de Aquino cunhou um termo para o que não havia sido nomeado antes em Aristóteles, e a palavra seguiu seu caminho desde então.

Mas, respondendo a sua pergunta, tudo é um meio? Não, mas, também, tudo pode ser um meio. Ser um meio não é um estado permanente, é a condição de estar no meio. Em outras palavras, minha definição de mídia é o que está no meio, e o que está no meio depende da situação. A mídia é fenomenológica, é espécie — específica, ela é situação — específica. Em alguns casos, o oceano é um meio, e em alguns casos não é. A noção de mídia elementar, apresentada no livro, é mais do que um gesto interdisciplinar. Para os estudiosos tradicionais da mídia, a visão de infraestrutura, defendida aqui, nos encorajaria a ver as práticas e instituições da mídia como inseridas nas relações, tanto com o mundo natural quanto com o humano.

A abrangência atribuída ao conceito talvez estimule problemas da mesma natureza que aqueles

apontados tão criticamente por você, no artigo de 1986. Ao fim, sua proposição teórica não acabaria por desestruturar de vez o campo de estudos?

Os estudos de comunicação e mídia são um termômetro para qualquer esperança de reorganização interdisciplinar na vida intelectual e, embora as perspectivas permaneçam demasiadamente fúteis, persistirei em meu utopismo irracional. Meus livros, em algum nível, são um esforço para demonstrar o que desejo que nosso campo e, portanto, a universidade, possam ser — mais integradores, expansivos e históricos, mais sintonizados com as crises urgentes que nos cercam e mais interessados em falar com a espécie.

Uma ideia, com a qual eu começaria, é que os estudos de mídia nos permitem uma nova maneira de tornar as ciências humanas vivas para nossos alunos hoje. Os estudos de mídia são uma forma de atrair o discente para os problemas e tradições intelectuais mais profundos e clássicos. A mídia não é o mundo, mas temos acesso ao mundo apenas por meio da mídia — devemos nos lembrar de que a maioria dos americanos, atualmente, produz mais palavras manualmente todos os dias nas redes sociais do que oralmente.

Passemos a falar, então, em estudos de mídia ampliados; eles devem abraçar seu papel fundamental como um estudante de ontologia: estudos envolvidos com uma variedade cada vez mais ampla de formas e formatos; eles seriam mais reflexivos, tanto ambiental quanto existencialmente; expandiriam seu apetite interdisciplinar já voraz. Isso desafiaria a fronteira entre humanidades e ciências e buscaria conhecimento em qualquer forma.

Sua carreira docente começou no departamento de estudos de comunicação de Iowa, em 1986, até sua transferência para o departamento de inglês de Yale, em 2017. Ao longo dessas décadas, como você analisa a transformação do papel do professor?

Devo observar que, mesmo antes da pandemia, o mundo acadêmico que habitávamos já era muito diferente daquele que as gerações anteriores conheceram. Por exemplo, como mencionei, meu

pai era professor e dava algumas poucas disciplinas — ele odiava dar aulas, embora fosse um professor espirituoso. Era bem pago e trabalhava em um ambiente profissional muito mais colaborativo, de trabalho em equipe, do que o meu. Os problemas enfrentados eram mais restritos — ser professor hoje envolve tantos desafios diferentes.

E acho que, nesse sentido, prestamos um péssimo serviço aos nossos alunos, ao tentar mantê-los em um padrão de atenção concentrada, que nunca prevaleceu na história e raramente prevalece em nossas próprias vidas, se realmente rastreamos nossos hábitos de leitura. Existem possibilidades positivas, tanto na distração quanto na absorção — essa foi a tese de Walter Benjamin. Ninguém quer ficar entediado; basta olhar para nós mesmos: muitos de nós optamos pela vida acadêmica porque era mais estimulante do que outras opções. Na verdade, acho que os alunos também têm sede de verdade. Por natureza, todos os humanos desejam saber, disse Aristóteles, e isso certamente é verdade para os universitários, que têm o mundo diante de si, tantas distrações, tentações e caminhos que se abrem de forma vertiginosa.

No ensino em sala de aula, você sempre aposta que pode explorar o narcisismo dos alunos, como um trampolim para questões maiores. Descobri, ao ensinar teoria da mídia, que os tópicos favoritos dos estudantes são eles mesmos; meus alunos adoram produzir anedotas engraçadas e dilemas sobre fotos de bêbados no *Instagram*, ou pessoas se separando por mensagem de texto. A lição mais dura de Kittler é que a mídia está nos vendendo uma mentira e nos impede de refletir sobre as condições de mídia em que nos encontramos. No entanto, esses novos aplicativos querem que você pense que está no meio de um mundo social vibrante e dinâmico, onde você está sempre conversando com as pessoas, mas, na verdade, está sentado na frente de um computador, olhando para uma tela.

Na era do *PowerPoint*, do *YouTube* e de outros formatos, que desafiam as velhas regras de capitalização, ainda não há nada tão fascinante quanto um bom orador que pode contar boas histórias,

fazer algumas piadas, propor alguns enigmas, representar um drama e revelar princípios duradouros. Existem muitas evidências sugerindo que a tecnologia da sala de aula realmente aumenta o tédio. As melhores palestras que já ouvi foram profundamente básicas, consistindo apenas em uma pessoa informada falando bem e revelando alguma parte do cosmos. Permanecem os fatos primordiais sobre o que move e persuade o ser humano. Em muitas das minhas aulas de graduação, basicamente, não fizemos nada, apenas conversamos. Várias vezes perguntei aos alunos se eles preferiam algo mais estruturado e todos eles me imploram para salvá-los de mais slides. Em contraste, perguntas, histórias e influência pessoal permanecem as fontes de ensino e aprendizagem como têm sido por milênios.

Outra coisa que gostaria de enfatizar é que, para a tradição pragmática, a educação é uma das formas fundamentais de ação política. Algumas pessoas vão dizer que eu deveria ser mais ativista, deveria estar na rua, mas também sinto que a universidade é uma esfera pública. Provavelmente dou 30 a 40 palestras por ano, quase sempre em sala de aula, e algumas fora dela. Todas são oportunidades para tentar apresentar novas ideias, de modo claro, e ajudar as pessoas a pensar sobre o planeta, pensar sobre justiça, pensar sobre o tempo, pensar sobre mídia. Então, eu realmente sinto que não devemos negligenciar a sala de aula como um lugar de conscientização e de viabilização da democracia. Esse é o bom e velho John Dewey, obviamente, mas é importante nos lembrarmos de nosso papel!

Algum conselho para os futuros professores e pesquisadores da área?

Em vez de ficar angustiada sobre como abranger tudo, meu conselho é encontrar um ângulo e começar a cavar, para descobrir raízes e galhos que o conectam a outras perspectivas. Explorar Weber até ser capaz de descobrir Marx e Durkheim. Portanto, em vez de ditar um cânone de títulos específicos, encorajaria os estudantes a encontrar suas escrituras, textos que podem

ajudar a interpretar o mundo, e, então, ler e reler. Além disso, a leitura deve ser acompanhada de escrita. Pensar e escrever são inseparáveis. Escrever não é uma simples questão de mecânica ou de colocar seus pensamentos nas palavras — é como uma escultura.

É bom refletir sobre nossas habilidades e ferramentas básicas. Escrevo em um computador *desktop* que não está conectado à internet e geralmente não fico on-line antes do meio-dia ou mais tarde, se eu puder evitar. Ainda dependo muito do papel para qualquer leitura séria. Finalmente comprei um *smartphone*! Por causa das dores nas costas e no pescoço, é difícil ficar sentado por muito tempo enquanto escrevo e, mais ainda, durante a leitura, o que me obriga a pensar sobre a logística da tradição no nível mais básico.

Descobri que, quando ensino os alunos a ler, uma das coisas mais difíceis é fazê-los estar abertos a surpresas. O mistério da leitura, para mim, reside na oposição entre um substrato material morto, um suporte de papel e rabiscos, olhos e cognição do leitor, seu corpo e trabalho, sua postura e conhecimento da linguagem, que são responsáveis por trazer um mundo à existência. Não é um mundo que o leitor esteja inventando ou projetando. Não se trata de idealismo compartilhado. É um encontro com o outro. Todos nós sabemos que ler é extremamente difícil e, muitas vezes, é um encontro árduo com a alteridade, uma forma de pensar muito diferente, que acredito ser o que o diálogo tem de melhor.

Outro conselho, para qualquer intelectual nas áreas de humanidades e ciências sociais, é dominar, ou tentar dominar, uma língua estrangeira. Ninguém nunca domina nenhum idioma. O domínio em nível mundial pelo inglês é uma vantagem aos falantes nativos de inglês, já que eles dominam a língua, mas também representa uma grande perda, uma vez que não conseguem pensar fora do império. Aprender outro idioma remodela a mente e oferece flexibilidade e confiança, embora seja absolutamente infantil e humilhante — uma das razões pelas quais a maioria das pessoas o evita. Mas, por outro lado, o aprendizado de línguas é um pequeno para-

digma da descoberta da verdade, uma fonte de juventude intelectual.

Quando se aprende novos idiomas ou novas matérias, temos a sensação de que somos uma fraude e não sabemos o suficiente. Gosto do exemplo de Sócrates, porque seu argumento era que a ignorância é uma condição capacitadora: se você sabe que é ignorante, você adquire sede de conhecimento. Sócrates inventou a palavra filosofia, que significa amor à sabedoria, não a ter. É como se você estivesse apaixonado, mas a sabedoria não está apaixonada por você, então você não pode tê-la. É uma postura muito útil. Aprender é ir do conhecido ao desconhecido. E a única maneira de fazer isso é correr o risco de ficar envergonhado.

As universidades de países emergentes são mais sensíveis a crises econômicas, políticas e sanitárias, como a que estamos vivendo. Uma das consequências é a redução no número de oportunidades para jovens pesquisadores. Apesar de estar inserido em outro contexto acadêmico, você não apoia a estabilidade acadêmica, nem a profissionalização da carreira de pesquisador em seu país, além de ser um crítico da departamentalização da universidade. Poderia compartilhar seu ponto de vista?

Filosoficamente falando, não apoio a profissionalização da investigação. Se profissionalismo significa se comportar com probidade, honra e padrões mais elevados, tudo bem, mas não posso apoiar a noção de que a investigação seja totalmente departamentalizada. Na verdade, é um modelo do século XIX que cada disciplina tem sua base, seu terreno. Não acho que seja o melhor modelo para as disciplinas hoje, porque as disciplinas têm muito mais em comum do que pensam.

Não podemos nos esquecer que a verdade e o conhecimento são humanos, não um monopólio profissional. A necessidade de domínio específico de um tema e de um método não implica, obrigatoriamente, em um sistema institucional de estados-nação acadêmicos, cada um com parte do mundo como seu território. A especialização

é um fato decorrente da brevidade da vida, não da natureza da verdade.

De qualquer maneira, existem sérios problemas práticos com a estabilidade — segurança no emprego para toda a vida é uma noção incrível! Por um lado, a proliferação de empregos acadêmicos temporários torna o estatuto de estabilidade um status de elite. A falta de empregos para humanistas é profundamente preocupante, mas tem sido assim há décadas. Por outro lado, as pressões para adquirir estabilidade, em meio a demandas editoriais crescentes, podem causar certa deformação profissional e perda da subversão intelectual. Se o objetivo da estabilidade é garantir a liberdade de ensinar e de publicar, esses direitos devem ser garantidos já como cidadãos, não como professores. A tarefa deve ser fortalecer a livre investigação em todos os níveis da sociedade, não construir uma instituição profissional.

Promiscuous knowledge: information, image, and other truth games in history (2020), seu livro mais recente, é coescrito com o historiador dos direitos humanos e seu amigo intelectual Kenneth Cmiel, falecido em 2006. A história de escrita do livro é especial, pois você re-trabalhou os rascunhos deixados por Cmiel, visando formar uma unidade ensaística, além de homenagem póstuma. O argumento é de que as novas tecnologias estão contribuindo para a erosão das fronteiras entre conhecimento formal e popular, gerando o que vocês chamam de "conhecimento promiscuo".

Antes de tudo, obrigado por sua resenha na *New Media & Society* (ver DAROS, 2020). A sua foi a primeira! A resenha foi justa e equilibrada. Você aponta alguns problemas em relação ao livro, dos quais estou muito bem ciente! Mas você também é generoso, obrigado.

Como observado, o livro trata da erosão das fronteiras entre o conhecimento produzido formalmente e aquele afirmado por forças populares ou externas. Essa erosão — não o apagamento — é a chave para o conhecimento promiscuo, uma mistura do popular com o profissional. Hoje,

são geradas mais informações do que nunca. Coisas antes ignoradas como incognoscíveis são, agora, objeto constante de vigilância mágica. Mas ninguém afirma que essa massa de fatos resultará em conhecimento cumulativo, muito menos sabedoria cumulativa. No entanto, a falta de confiança em qualquer síntese definitiva, característica de nosso tempo, não significa que queiramos nos livrar de nossos regimes de conhecimento. As afirmações da verdade se tornam problemáticas, de várias maneiras, quando atingem um público maior.

Para nós, a era digital é a era do conhecimento promiscuo. Uma das tendências mais importantes das últimas décadas tem sido a mistura e indefinição da linha que separa o conhecimento popular do conhecimento especializado. O conhecimento profissional é cada vez mais confrontado com sensibilidades populares, mas sem o objetivo de eliminar as elites do conhecimento. O conhecimento promiscuo não é simplesmente marcado pela resistência popular ou de senso comum ao conhecimento formal, algo que existiu pereneamente. Conhecimento promiscuo é a negociação contínua entre as "elites do pensamento" e aqueles fora do sistema formal ou sem credenciamento formal, ambos produtores de conhecimento.

A cultura digital incentiva o declínio do respeito pelo *ethos* do criador de conhecimento profissional. Em sua *Retórica*, Aristóteles afirmou que havia três fontes de persuasão: *ethos*, *logos* e *pathos*. A desconfiança dos profissionais significou não tanto o abandono do *logos*, mas a suspeita do *ethos*. Não eliminamos, todavia, os criadores do conhecimento, apenas os desvalorizamos — a cultura ainda presta homenagem às reivindicações de racionalidade (*logos*). Essas afirmações se misturam, livremente, com apelos emocionais destinados a nos levar a um ponto de vista — o *pathos* do mundo da publicidade. Essas tendências, todas marcadoras de conhecimento promiscuo, são refletidas e incentivadas na cultura digital.

Na segunda metade do século XX, o discurso sobre a produção e o uso do conhecimento gradualmente se afastou da fé da alta modernidade

na razão. Isso estava relacionado com a passagem do conhecimento para a informação. Sem a fé no conhecimento coerente, dependendo de nossas disposições, ou perseguíamos nossas próprias agendas, ou buscávamos proteção no estado. Na retórica dos entusiastas, a fé na tecnologia substituiu a busca disciplinada pelo conhecimento como cola social. Talvez o mais importante, no entanto, seja o afrouxamento da conexão de "fato" com "conhecimento". Embora o "conhecimento", obviamente, ainda seja importante, os "fluxos de informação" são os mais proeminentes. O que está em jogo é a passagem do conhecimento, entendido como generalizações disciplinadas sobre o mundo social e natural, aceito pela autoridade, para a informação, a acumulação de fatos sobre tópicos particulares por grupos dispersos.

Como discuto no posfácio, escrever esse livro também foi um desafio profundamente pessoal. É difícil compor com um colega ausente, de quem você tanto sente falta. Foi um exercício de conhecimento promíscuo!

Referências

CMIEL, Kenneth; PETERS, John D. **Promiscuous knowledge**: information, image, and other truth games in history. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

DAROS, Otávio. Book review: the digital media age as the age of promiscuous knowledge. **New Media & Society**, v. 22, n. 8, p. 1513-1515, 2020. <https://doi.org/10.1177/1461444820939525>

KITTLER, Friedrich A. **Gramophone, film, typewriter** [1986]. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/ Editora UERJ, 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media**: the extensions of man. Nova York: McGraw-Hill, 1964.

PETERS, John D. Afterword: doctors of philosophy. In: HANNAN, Jason. **Philosophical profiles in the theory of communication**. Nova York: Peter Lang, 2012. p. 499-510.

PETERS, John D. Institutional opportunities for intellectual history in communication studies. In: PARK, David W.; POOLEY, Jefferson. **The history of media and communication research**: contested memories. Nova York: Peter Lang, 2008. p. 143-162.

PETERS, John D. Institutional sources of intellectual poverty in communication research. **Communication Research**, v. 13, n. 4, p. 527-559, 1986. <https://doi.org/10.1177/009365086013004002>

PETERS, John D. **Speaking into the air**: a history of the idea of communication. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PETERS, John D. **The marvelous clouds**: toward a philosophy of elemental media. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

John Durham Peters

Professor do Film and Media Studies Program na Yale University, em New Haven, Connecticut, Estados Unidos. Lecionou por 30 anos em Iowa, além de ter sido professor visitante na Freie Universität Berlin, Universitetet i Oslo, Universidad de Navarra, entre outras instituições.

Otávio Daros

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Brasil. Membro do laboratório Kommunikationsgeschichte und Medienwandel, na Universität Bremen.

Endereço para correspondência

John Durham Peters
Department of English, Yale University
LC 306
63 High Street – 06520
New Haven, CT, Estados Unidos

Otávio Daros
Famecos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Avenida Ipiranga, 6681 — Prédio 7
Partenon – 90619-900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Zeppelini Publishers e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.